

CONTO

Vozesinhas

Clara Moura

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

clareana.eugenio@gmail.com

Estão de cinto?

Perguntou alguns segundos antes.

Sim — responderam em uníssono as vozesinhas.

E antes que a mais velha pudesse indagar o porquê, ela pisou com toda a força no acelerador e avançou para fora da pista. O mundo girou dentro dos olhos delas. E o silêncio irrompeu deixando tudo calmo. O silêncio. A angústia e a dor não eram páreo para a enorme culpa de quem via tudo rodar e se quebrar como os sonhos das promessas de dias de risos aos domingos, de danças malucas na cozinha, de beijinhos e carinhos antes de dormir. Nada machucava mais do que pensar que agora era o fim do que foi, mas também do que nunca chegou a ser. Das pequenas conquistas diárias, dos marcos mais decisivos, dos nem tão importante-assim gestos de gratidão. E tudo se acabava ali. Por decisão dela. Assim como começou. Nada foi por acaso e nem por acidente e ela não suportava que pudesse ser diferente. Ela quis, mas nunca imaginou que seria assim tão pesado.

Todos os dias ela tentava tirar um tempo para fazer algo que gostava em vão. Era sempre um turbilhão e o dia passava como um trem por cima dela, deixando apenas fragmentos do que ela acreditava ser. Triturando seus sonhos. Saracoteando em seus planos de ser uma boa mãe.

Os meses também passavam assim e quando menos esperava os anos começaram a passar assim e então já era Natal. Já era o Natal e tudo outra vez.

A culpa crescia com a idade das crias e cada ano que se passava ela podia acrescentar uma tonelada dela.

Não chegar a tempo de uma apresentação da escola.

Esquecer de comprar o material pra atividade de segunda.

Não ter dinheiro pra levar no parque de diversão tal.

Não poder parar tudo pra atender um pedido de ajuda.

Não ter saco pra brincar de casinha.

Não ter pique pra jogar bola.

Não ter vontade de cuidar de uma mais uma frieira.

Ter que deixar sozinho em casa pra trabalhar.

Ter que remarcar a ida ao cinema.

Ter que mudar de escola pelo bullying com um colega.

Ter que cobrir a ferida feita com a lâmina do seu prestobarba.

Menos quis saber da vida que poderia haver sido, dos netos que poderia ter tido, ou dos orgasmos que poderia ter alcançado, que do sofrimento que chegaria ao fim, da vergonha que cessaria e das humilhações que ficariam para trás. Se cada Sol repetido é um cometa, o dela acumulava sempre aquela camada fina de poeira deixada que incomoda e dificilmente você consegue se livrar. O eco da grande promessa que ela foi um dia. A sombra dos seus grandes feitos.



Esta revista adota o modelo de Acesso Aberto e seu conteúdo está licenciado sob a licença CC BY-NC 4.0

ARK:16081/CRL1702-VYLR

Recebido

15 de dezembro de 2025

Aprovado

23 de janeiro de 2026

Edição

Lury Morais

Revisão

Lury Morais

Pingando.

Plic.

Ploc.

Plac.

Arrebentando com o balde.

Enquanto o mundo seguia imponente e agudo, ela transbordava. Inteiramente vazia.
“Somos tantos”, pensou.

Não pôde evitar o sentimento de tomar seu peito e dilacerar cada pedacinho dele. Sonhos, metas transformadas em terra, em sombra, em pó, em nada. Isso era o que restava. Isso era nada. Erra nada. Não havia mais espaço. Não havia mais espaço para errar.

Calculou os tempos com precisão. Organizou sistematicamente os passos. Esgotou-se. Burnouteou-se. Foi observando cada movimento desencadear outro. Frenético. Rodopiou pra virar-se nos trinta e chegar a cada micrometa que propunha pra fechar o dia.

Mi.li.me.tri.ca.men.te.

Até que o dia chegou. Já não era possível olhar para Maria e não ver sua ausência em cada gesto, as negligenciadas horas, seus silêncios travestidos de birras ou de gestos exagerados para chamar atenção. Impossível era aceitar que Antonio fingindo aceitar a comida não era submissão, evitar os temas difíceis ou evitar comer o último pedaço não era uma repetição.

Decidiu e pisou fundo no acelerador. Sem olhar pra trás. Ou talvez tenha só fechado os olhos. Sabia que os julgamentos viriam, mas ela já não estaria ali para lidar com eles. Descansou. O som do motor confundia-se com o da respiração. Estava exausta e descansar era seu maior objetivo. E por um instante — breve, luminoso, impossível — pareceu que o cometa enfim voltava para casa. Descansou, mas não em paz. Carregou consigo a vontade de ter vivido um pouquinho mais daquela rotina que a enlouquecia, mas também trazia segurança e a culpa de ter sido ela quem tomou a decisão.